

O PANORAMA.

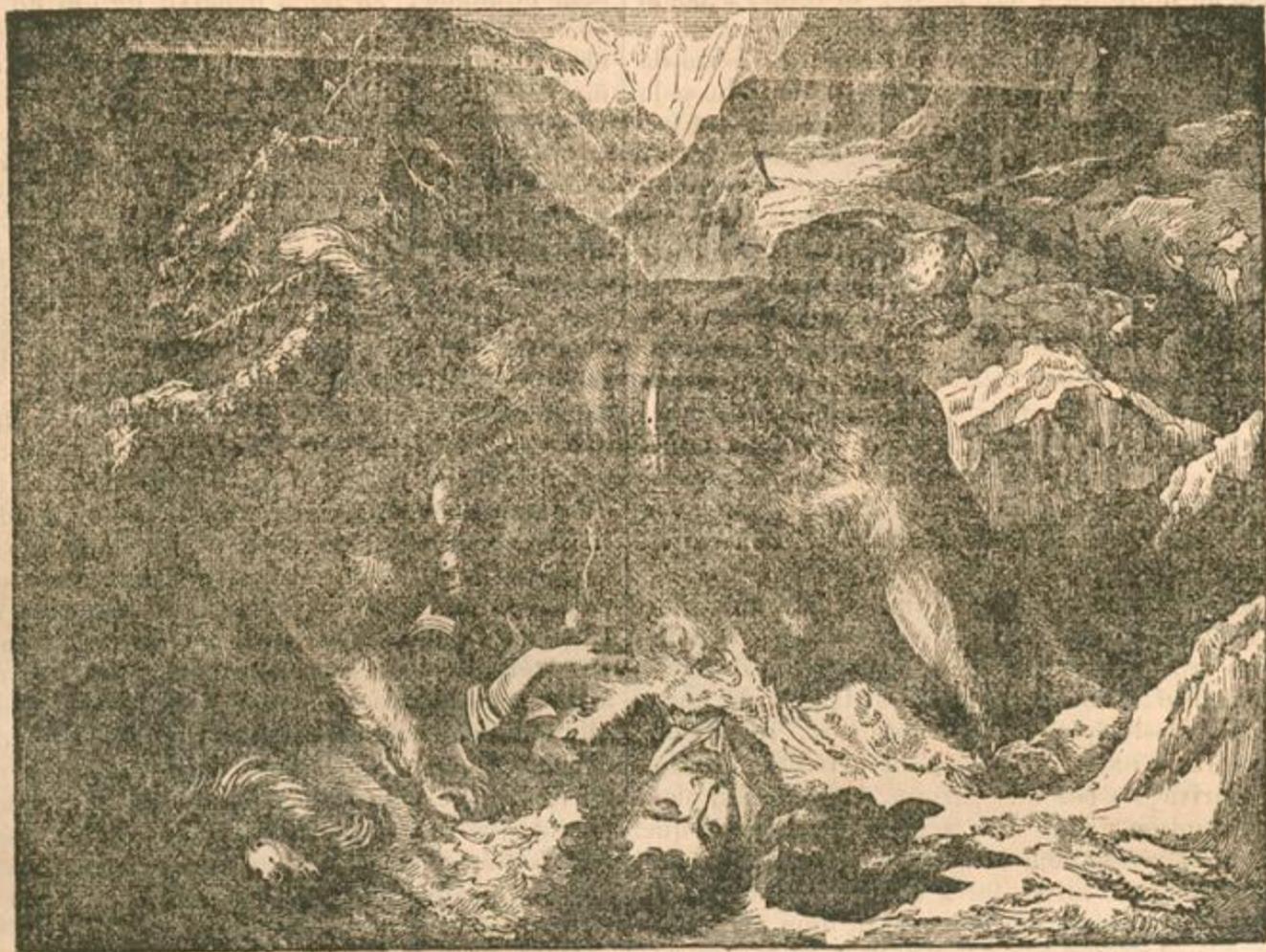
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

15)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 12, 1837)



CÃES DE S. BERNARDO.

O CONVENTO DE MOUSTIERS.

HORRIVEL é vaguear nos Alpes por uma noite dessas em que no céu não se amostra uma só estrella, e em que o furacão assobia quebrando-se nas arvores, e misturando o seu rugido com o uivar dos lobos e com o fragor das torrentes! — Tremenda é uma noite dessas; porque o frio insupportavel contráhe os membros, e encrava nos ossos dôres inexplicaveis: o peito mal resfolga como oppresso por um grande peso: a cabeça se affogua e as idéas contrastam e baralham-se umas com outras: o halito vem esvaecer-se nos labios e parece golpea-los. E nesta solidão immensa tem-se medo; tem medo até o que sem elle affrontára o fogo de uma bateria, até aquelle que sem enfiar se veria encerrado n'um navio já meio soçobrado: tem-se medo; porque podemos estar á borda d'um precipicio, que nos engula á primeira passada que dermos. Com tudo não pareis, se ahí vos achardes, porque a neve que vai caindo vos sepultaria em mortalha de gelo, e tal mortalha vos regelára o sangue, e adormecer-vos-ia em afflictivo torpôr; e sentiríeis ir-se-vos a existencia gastando, parar, e fenecer ultimamente. Das diversas crises de homem que morre nem uma vos passaria por alto: as agonias do moribundo, senti-las-íeis todas; e só a desesperação e a sensibilidade se esgotaria inteiramente no vosso coração, quando a obra da morte estivesse rematada.

Parece que nestes desvios, no meio dos precipicios, das torrentes, e da neve, nenhum homem ousaria

VOL. I.

morar; e que o passageiro perdido, salteado pelo gelo e pelo terror, não teria repouso das suas angustias: — nenhum repouso senão nos braços da morte.

Porém, muitas vezes, já nos trances da agonia extrema, o som de uma campainha sobressalta o moribundo, e o latir d'um cão, rompendo por entre o sibilo do vento proceloso, lhe retém o ultimo suspiro, e entorna um raio de conforto nas trévas da sua desesperação. Um mastim e um monge trabalham por desenterra-lo do meio da neve — e o cão o afflaga, e o religioso lhe dá todos os socorros que lhe podem restituir os alentos perdidos, em quanto n'um quarto bem reparado, ao pé do fogão acceso, e em cidade povoada e commoda algum philosopho prova a falta de intelligencia dos brutos, e o philantropo sentado defronte d'elle se espraia em dissertações profundas sobre o amor do genero humano, e por ventura sobre os males que tem trazido ao mundo a religião do Evangelho.

O convento de *Moustiers* está situado no cimo das cordilheiras que estendem a leste do monte *Saint-Velan* e a oeste do pincaro de *Dronay*, cordilheiras estas, cuja maior altura é de 8200 pés acima do nivel do mar. Foi o mosteiro edificado no 10.^o seculo por S. Bernardo de Menthen, conego d'Aosta. Em 1215 o conde de Blacas, voltando da Palestina, onde estivera captivo, tendo promettido á Virgem Maria uma cadeia de ouro, por conselho dos monges assentou que era melhor satisfazer este voto edificando juncto de *Moustiers* um hospicio para recolher os pas-

sageiros perdidos naquellas serras nevadas. Pelos estatutos de Moustiers são os monges obrigados, em quanto dura o inverno, a mandar todos os dias, faça o tempo que fizer, dois homens destros e robustos esquadrihar as montanhas, um para o lado da Italia, outro para o lado de Valais. Estes homens, a que chamam *Maroniers*, ajudados pelos cães apenas descobrem alguém perdido ou enterrado na neve, veem correndo ao mosteiro a dar parte: os frades acodem immediatamente, e quatro mais forçosos tomam o viajante ás costas e o levam, em quanto o resto da communiidade vai adiante rompendo o caminho pela neve, que ás vezes tem vinte pés d'altura. — Chegando ao hospicio ministram ao desgraçado todos os socorros possiveis, sendo de notar que o remedio mais efficaz que empregam para o reanimar é um banho de agua fria misturada com gelo. Quando este remedio falha, são perdidos outros quaesquer.

Os cães, que tão grande serviço fazem á humanidade, são de raça hespanhola, mui grandes e sagazes. Conta-se que um delles vendo passar por pé do hospicio uma mulher com uma creança, foi logo na pista della, como quem previa o que lhe viria a acontecer: notaram os monges a ausencia do cão, e seguindo-lhe a pista foram dar com elle já a cavar n'um atoleiro de neve, onde a mulher estava empégada com a creança.

O convento de Moustiers é um edificio macisso e forte, com uma egreja ampla e elevada. — Os monges, que ordinariamente sobem ao numero de vinte ou vinte cinco, são naturaes dos districtos do norte dos Alpes. Posto que sadios e robustos, raramente vivem muitos annos, o que se hade attribuir aos trabalhos e privações por que passam. É gente simples, e de bom animo, dada a exercer a caridade; o que os leva a soffrerem com resignação a vida laboriosa e as estreitezas do instituto, a que os hão sujeitado.

Ha nas visinhanças deste convento uma ave notavel, a que chamam *herbene*, a qual no inverno é perfeitamente branca; na primavera e estio preta e branca; e no outono quasi inteiramente negra.

MINAS DE AZOUGUE.

As principaes minas de mercurio se encontram na Hungria, no Friuli, e na Hespanha. O azogue, ou mercurio, como os chimicos lhe chamam, é uma substancia importantissima para as artes. Serve para dar aos espelhos o que vulgarmente se diz ago; é a base de muitas tintas; debaixo de diversas fórmas a empregam na medicina, e tem varias applicações no labor de metaes.

Desce-se ao fundo das minas do Friuli por uns pozos de noventa braças de profundeza. Ha ahí machinas que fazem trabalhar as bombas sem interrupção, para obstar ás inundações que incessantemente ameaçam subverter os mineiros. Estes desgraçados são homens condemnados por seus crimes a tão penoso trabalho, ou obreiros que vão atraz dos ganhos exorbitantes que para isso se lhes offerece.

Todos os que andam nas minas estão sujeitos ás mais cruéis doenças. Tanto que a influencia do mercurio lhes vai repassando os corpos, começam a sentir tremores nervosos: pouco e pouco lhes caem os dentes, soffrem dores agudissimas nos ossos, e a morte, em fim, lhes põe em breve termo aos padecimentos. Como principalmente das exhalações do azogue é que nasce tudo isto, os mineiros tem a cautella de metter na boca alguma moeda de ouro que absorva estas exhalações, e lhes embarace a entrada nos bofes. Com tudo trazem todos os membros tão impregna-

dos deste metal, que basta esfregarem um bocado de cobre com os dedos para ficar tão branco como prata.

Mina abundantissima é uma que ha em Idria, cidade da Carniola nos estados d'Austria. Foi desconhecida até 1497, e deu-se com ella de um modo extraordinario. Como por estes sitios havia muitas madeiras, alguns tanoeiros ahí fizeram assento. Certo dia, querendo um delles ver se uma celha estava bem estanque, foi pô-la debaixo de um fio d'agua que gotejava de um penedo. No outro dia pela manhã, indo tirar a celha, achou-a pegada ao chão, e metteu-se-lhe em cabeça, que andava alli bruxaria. Examinando o caso com mais attenção, viu no fundo da agua da celha o quer que era liquido, brilhante, e de extremado peso. Pegou então n'uma pequena porção deste metal, cujas propriedades ignorava, e foi amostra-la ao boticario da terra. Este, como é de crer, não disse ao tanoeiro o que valia aquillo, deu-lhe algum dinheiro pelo seu trabalho, e pediu-lhe trouxesse quanto pudesse desta singular substancia. O rumor desta aventura espalhando-se em breve, logo se formou uma companhia para explorar a mina.

Refere certo viajante que indo visitar um dia esta mina de Idria, o fizeram metter n'um balde, em que o desceram a mais de cem braças de profundidade. Então se achou no meio de cavernas immensas, onde milhares de malaventurados, que nunca mais tornaram a ver a luz do sol, arrastam uma vida miseravel. Nada pude divisar, diz o viajante, durante algum tempo; nem sequer ao menos a pessoa que me andava mostrando estas scenas medonhas. Cousa nenhuma ha ahí mais deploravel que o fado dos mineiros. A negrura das caras lhes encobre a pallidez horrenda que nellas estamparam as exhalações mortíferas que aspiram. Os habitadores deste espantoso recinto são pela maior parte criminosos condemnados a trabalhar por toda a vida, os quaes vivem apenas ahí regularmente dois annos.

Eu seguia calado o meu guia, cogitando da situação horrivel em que a estes desventurados tinha arrojado o crime, podendo gozar a luz do céu, a saude e a liberdade, se houveram sido virtuosos. Subitamente ougo chamarem-me por meu nome, volto-me, e vejo um homem de aspecto livido e medonho, que se chega a mim, e me diz com voz sumida: — «Conheceis-me?» — Que espanto não foi o meu, quando dei com um intimo amigo! — Tinha tido um desafio com certo official, apesar da prohibição do imperador, e fôra condemnado a este cruel supplicio. Sua mulher, que pertencia a uma das principaes familias da Alemanha, não podendo obter o perdão do marido, se havia sepultado alli com elle. Devo acrescentar que o official, deixado por morto pelo meu amigo, sarou da ferida, e sollicitando generosamente o perdão do seu adversario, teve a felicidade de o restituir á luz e á liberdade.

AOS HOMENS RELIGIOSOS.

A EGREJA resoa de hymnos sagrados: — o incenso ergue-se em rolos diante do sanctuario — a orchestra, cuja musica, muitas vezes profana, attrahe ao templo centenaes de curiosos, é a espaços interrompida pela voz pouco harmoniosa do sacerdote, que entõa as orações do ritual: — celebra-se uma festa d'egreja.

Povo inquieto ondêa pelas naves, cruza incessantemente as portas abertas de par em par; como em um theatro ao começar do espectáculo se apinha e agita no atrio do edificio.

Foi pomposa a festa religiosa; mas subiram preces de alguns labios até o throno de Deus? — Talvez apenas as que pronunciou o ministro dos altares: o povo

assistiu á solemnidade, como ás representações da scena.

E acabou o ruido, e o templo ficou deserto, e o musico e o sacerdote e outros muitos estenderam a mão para receberem a paga d'um trabalho profano, porque a verdadeira oração, o verdadeiro culto, é uma necessidade, um prazer para o homem que crê em Deus; seu premio não se recebe na terra, mas sim no reino dos ceus.

Que fez pois o abastado dispendendo uma somma avultada para converter a casa do Senhor n'um lugar de folguedo, e o culto n'um trafico d'estipendiarios? — Aos olhos da boa rasão perpetrou acaso um crime, fez talvez uma affronta ao Creador.

O sacrificio mais agradável a Deus não é o do ouro profusamente gasto em festas ruidosas, em pompas sem unção, e sem aquella singeleza propria do christianismo: o que a Deus mais apraz é o dividir o homem os dons da fortuna, que lhe elle concedeu, com aquelles, que não teem um bocado de pão para se alimentar, um tecto onde abriguem a cabeça, um vestido que lhes resguarde os membros das intemperies das estações.

Quasi que só na caridade se encerram todos os preceitos do christianismo; desta religião cujo espirito se reduz a dizer aos homens: — *sêde todos irmãos.*

Em quanto assim o thesouro do rico se desvanecer em fumo diante dos altares, para *divertir* a multidão, e muitas vezes por motivo de orgulho e vaidade, o pobre geme na sua miseria, e não ha quem estenda para elle mão soccorredora.

“Mas, direis vós, nós ao menos gastamos as nossas faculdades com os objectos do culto; em quanto outros gastam as suas na devassidão e no luxo.”

Embora! — Não sois vós os juizes de vossos irmãos: Deus é o julgador de todos; e elle não vos ha-de medir as obras pelas dos outros; mas sim pela lei que vos deixou cá na terra. Fazei o bem, e orai pelos que vão transviados, sem os reprehender na praça publica, e sem vos ensoberbecerdes, porque vos credes melhores.

Já entre nós pessoas mais religiosas do que muitos que se teem em conta de homens de grande piedade, trabalharam por estabelecer na capital um asylo de mendicidade desvalida, e tão nobre empreza foi levada a cabo; porém, com acanhados recursos, não prosperou, como devia prosperar no meio da nação portugueza, que apesar de seu abstimento, ainda é, por ventura, a mais nobre e generosa de todo o mundo.

Entendam bem, por tanto, os nossos concidadãos o espirito do Evangelho: e vão antes depositar a moeda das boas obras no cofre vasio dos miseraveis, do que despende-la com vãos apparatus de um culto que não chega ao throno de Deus, porque d'elle o afastam os gemidos dos pobres, que *tem jús* á beneficencia dos abastados.

Quanto mais proficuas seriam a estes as orações dos desgraçados a quem soccorressem, e que, ao achar um leito em que repousassem, uma mesa parca onde se saciassem, abençoariam os seus bemfeitores; quanto mais proficuas, dizemos, seriam taes orações, do que esses hymnos comprados, esse incenso derramado, essas preces tumultuosas, em que a ultima idéa é a da religião; em que os labios se abrem, mas onde o coração se fecha? Da esmola, por limitada que fosse, dar-lhes-ia a consciencia amplo galardão: da somma avultada dispendida com a festa apparatusa, nem Deus, nem o mundo lhes dará a minima recompensa.

Pedimos pois a todos os homens que ainda conservam a crença que seus paes lhes herdaram, que voltem a sua munificencia para objectos de caridade — a primeira virtude que recommenda o Evange-

lho; — que auxiliem os asylos da mendicidade; que nas grandes povoações onde ainda estes não existem tractem de promover a sua fundação: e dando de mão ás dispendiosas romagens, ás festas d'egreja, por vezes impias, em lugar de alimentarem ociosos, sejam os paes e os amigos daquelles a quem ou a doença ou a idade impossibilitou de ganharem o sustento, e que a sociedade, por esse motivo, tem restricta obrigação de soccorrer e amparar.

O ARCEBISPO SOLDADO.

Na idade media a dignidade sacerdotal não embargava o exercicio das armas. Frequentes vezes os historiadores fazem menção das faganhas militares de monges e de abbades, de bispos e de arcebispos, que largando o breviario ou o baculo, vestiam a armadura, e brandindo a lança e a espada faziam muitas vezes morder o pó a cavalleiros de grande renome.

Na lista dos que estavam com o Mestre de Aviz na batalha de Aljubarrota se encontra o nome de D. Lourenço, arcebispo de Braga, do qual se conta o seguinte.

D. Lourenço recebeu naquelle encarnigado combate uma ferida no rosto; passados tempos, lembrando-se de mandar lavar o seu tumulo, incumbiu um escultor habil de lhe tirar ao natural a imagem sobre a pedra da campa, para que esta indicasse de quem eram os despojos que encerrava.

Esmerou-se o artifice na obra, e quando a teve por acabada foi convidar o arcebispo para que visse se estava a seu gosto. Logo que D. Lourenço viu o vulto deu mostras de estar mal contente, como que achando não estar bem effigiado, nem tirado bem por feições. — Faltava com effeito o signal do golpe, que devia suscitar a lembrança d'um dos mais honrados casos da sua vida — o ter derramado o sangue pelejando pela independencia da sua patria. — Entendendo pois o arcebispo que o cinzel mais proprio para este retoque era um da mesma tempera e fórma daquelle com que os inimigos o tinham golpeado ao vivo, levou de uma espada, e entalhou um signal de golpe na face da imagem, no lugar onde havia sido ferido. Despedindo então o artifice, lhe disse que o retrato ficava em fim á sua vontade.

NOTICIA Á CERCA DE HAHNEMANN, E DA MEDICINA HOMŒOPATHICA.

NASCEU Hahnemann em Messein, villa da Saxonia, no anno de 1775. Começou a estudar medicina na universidade de Leipsig, onde chegou com vinte ducados, então toda a sua fortuna. Estes tenues recursos augmentou elle com o producto das suas versões alemãs de muitas obras de medicina, escriptas em inglez. Depois de haver continuado os estudos em Vienna e em Hermanstadt, onde principiou a ganhar certa consideração, foi doutorar-se á universidade de Erlanhen, e veio estabelecer-se em Leipsig em 1789.

Descoroçoado em breve pelas imperfeições que cuidou ver na medicina, desistiu de practica-la, limitando-se a publicar grande numero de traducções d'auctores inglezes, francezes, e italianos, assim como muitos artigos de medicina, e de chimica nos jornaes scientificos de Alemanha.

Em 1790 traduzia Hahnemann a *Materia Medica de Cullen*; mas desagradando-lhe o modo por que nesta obra era descripta a virtude febrifuga da quina, assentou d'aclarar as suas duvidas, fazendo experiencias em si mesmo. Foi este o primeiro passo para a

doutrina homœopathica, que abraçou mais tarde (*homœopathia*, deriva-se de duas palavras gregas, *omoi* e *pathos*, que significam *semelhante soffrimento*): observando que a quina produz no individuo são uma febre intermittente, igual á que a mesma quina faz cessar, quando é ministrada ao individuo accommetido desta febre, concebeu a idéa de que a dóse de quina cura o enfermo, desinvolvendo nelle uma febre artificial mais forte que a natural, e por conseguinte aniquilando esta.

Para concluir com bom fundamento que é possível curar as enfermidades oppondo-lhes medicamentos que, ministrados ao homem são, dão lugar a molestias semelhantes; para poder em uma palavra proclamar o grande principio, *similia similibus curantur*, ou que as *semelhantes curam-se com semelhantes*, carecia Hahnemann de fazer muitas experiencias longas, e difficéis, tarefa que elle desempenhou com o zelo, que anima todo o homem que caminha apoz de uma descoberta importante. Em certas enfermidades populares já elle tinha visto algumas practicas homœopáticas produzirem os mais felizes resultados; sabia, por exemplo, que se chamava a vida aos membros gelados, pela applicação da neve, que se empregava o fogo ou os alcoholicos contra as queimaduras, que se combatiam os suores com sudorificos, e os espasmos e convulsões por meio de narcoticos capazes de causarem effeitos semelhantes, &c.; porém se estes modos de curar concordavam com a applicação da quina em casos taes, não offereciam a Hahnemann fundamentos sufficientes para tirar uma conclusão exacta, e por isso resolveu levar ávante as observações, de acôrdo com alguns amigos, dispostos a coadjuval-o nos seus trabalhos. « Nada achou arduo, dizem os medicos homœopathicos, para levar ao cabo o seu intento: privações de todos os generos, dieta rigorosa durante os ensaios, padecimentos diarios e muitas vezes dolorosissimos, causados pela applicação repetida de pequenas dóses dos mais activos venenos, a tudo se sujeitou annos inteiros, para chegar a conhecer essa lei, que com tanto fervor procurava.»

Parece que uma multidão d'experiencias convenceram Hahnemann da verdade da lei que tinha antevisto, e lha fizeram adoptar invariavelmente; e desde então, deixando de investigar a causa essencial e occulta de cada molestia, cingiu-se á observação dos symptomas sensiveis, afim de combater-os pela acção de substancias productoras de symptomas analogos em individuos são.

A practica medicinal a que Hahnemann tornou a entregar-se depois de proclamar o seu principio *similia similibus curantur*, o conduziu a fazer grandes modificações na arte de regular as dóses dos remedios. Os medicos que não creem na homœopathia [e até hoje formam a grande maioria], teem clamado principalmente contra a prescripção de remedios em dóses extramamente pequenas. « Como é possível, dizem elles, que os agentes, ainda os mais energicos, como o mercurio, ou arsenico, a morphina, &c. &c., receitados na dóse da millesima ou decima millesima parte do peso d'um grão, possam produzir algum effeito salutar ou pernicioso em a nossa organisação? » A esta pergunta oppoem os medicos homœopathistas est'outra. « Qual é o peso da quantidade d'almiscar que atacando os nervos d'uma pessoa delicada a faz cair em syncope? Qual é o peso da quantidade do miasma pestifero, que dá a morte ao animal sujeito á sua acção? » E de mais, quando Hahnemann tornou a praticar a medicina, segundo a sua nova theoria, empregou dóses muito mais fortes do que a milionesima parte de um grão.

« Porém, dizem os homœopatistas, pouco tempo

esteve sem fazer esta singular observação: que o acto de moer as substancias ou de agitar os liquidos que se misturam desinvolva em alto gráo a energia das suas propriedades homœopáticas, &c.»

Fez Hahnemann as curas que começaram a dar-lhe a fama de que goza ua Europa, em um hospicio de loucos, fundado em Georghthal pelo duque Ernesto de Gotha, onde curou a Klockenburg, litterato alienado de juizo por effeito d'um epigramma de Kotzbue. Practicou depois em Brunswiek em 1794, e em Kœnisglutter. Nesta última cidade começou a soffrer contradicções, que largo tempo duraram. Retirou se pois para Hamburgo, e d'ahi para Eilenburgo, e para Torgau, onde proseguiu nas suas indagações.

Entretanto uma epidemia d'escarlatinas, que devastou a Alemanha em 1800, proporcionou a Hahnemann o ensejo de fazer do seu principio *similia similibus curantur* uma applicação cujo resultado todos os medicos confessam ser importantissimo. Achando que a *belladonna* produz no individuo são os principaes symptomas caracteristicos da escarlatina, desde logo lhe veio á idéa o emprega-la para preservar os meninos do contagio, da mesma maneira que se emprega a vacina para evitar as bexigas. Ministrou a grande numero de meninos fraquissimas dóses de *belladonna* [a decima parte d'um grão todos os seis ou sete dias], para livra-los das escarlatinas, e a experiencia, segundo affirmam os seus sectarios, confirmou plenamente as suas conjecturas. Mais para o diante, em 1831, epocha da cholera, fez tomar dóses semelhantes de cobre, para preservar d'esse terrivel flagello as pessoas que a ella recorreram.

Hahnemann tem publicado muitos volumes. Em 1810 saú á luz o seu *Organon da arte de curar*, em que a doutrina homœopathica se acha exposta miudamente. Este medico celebre reside em Cœthen desde 1820, aonde foi chamado, e acolhido com distincção pelo duque reinante de Anhalt-Cœthen.

Para darmos aos nossos leitores uma idéa dos remedios empregados pelos homœopathistas, citaremos os que elles receitam contra os mais crueis e habituaes padecimentos, devendo entender-se que as dóses prescriptas são sempre infinitesimales, e que como do mesmo medicamento provém muitos symptomas, segue-se que póde ser empregado contra muitas molestias.

« A *belladonna* produz no corpo são os principaes symptomas da escarlatina, e cura-a optimamente.»

« O *cobre*, que faz sentir as primeiras dôres da cholera, obraria, dizem, contra ella. Parece que de se tomarem todos os cinco ou seis dias dóses preparadas deste medicamento se tiraram alguns bons resultados.»

O *enxofre*, que origina certas erupções, tambem as destroe.»

« O *ouro*, que dispoem para a melancholia, restabelece o moral affectado.»

« A *pulsatilla*, que causa uma especie de constipação de cabeça, cura-a quasi sempre.»

« A *canomilla* provoca a irascibilidade, e por conseguinte cura as enfermidades provocadas pela cholera.»

« A *belladonna* destroe muitas esquinencias: o mesmo medicamento póde dar lugar aos symptomas da raiva no homem são, e por esta rasão lucta victoriosamente contra a hydrophobia.»

« A *arnica* tira as dôres procedidas de contusões, e dizem que tambem os callos dos pés.»

« As dôres de dentes são curadas por uma immensidade de remedios, taes como a *bryonia*, o *daphnemezereum*, a *pulsatilla*, a *noz vomica*, &c., conforme as sensações que o enfermo experimenta..»

« O *aconito* produz effeitos extraordinarios na circulação. Esta substancia dissipa as inflammções, e sub-

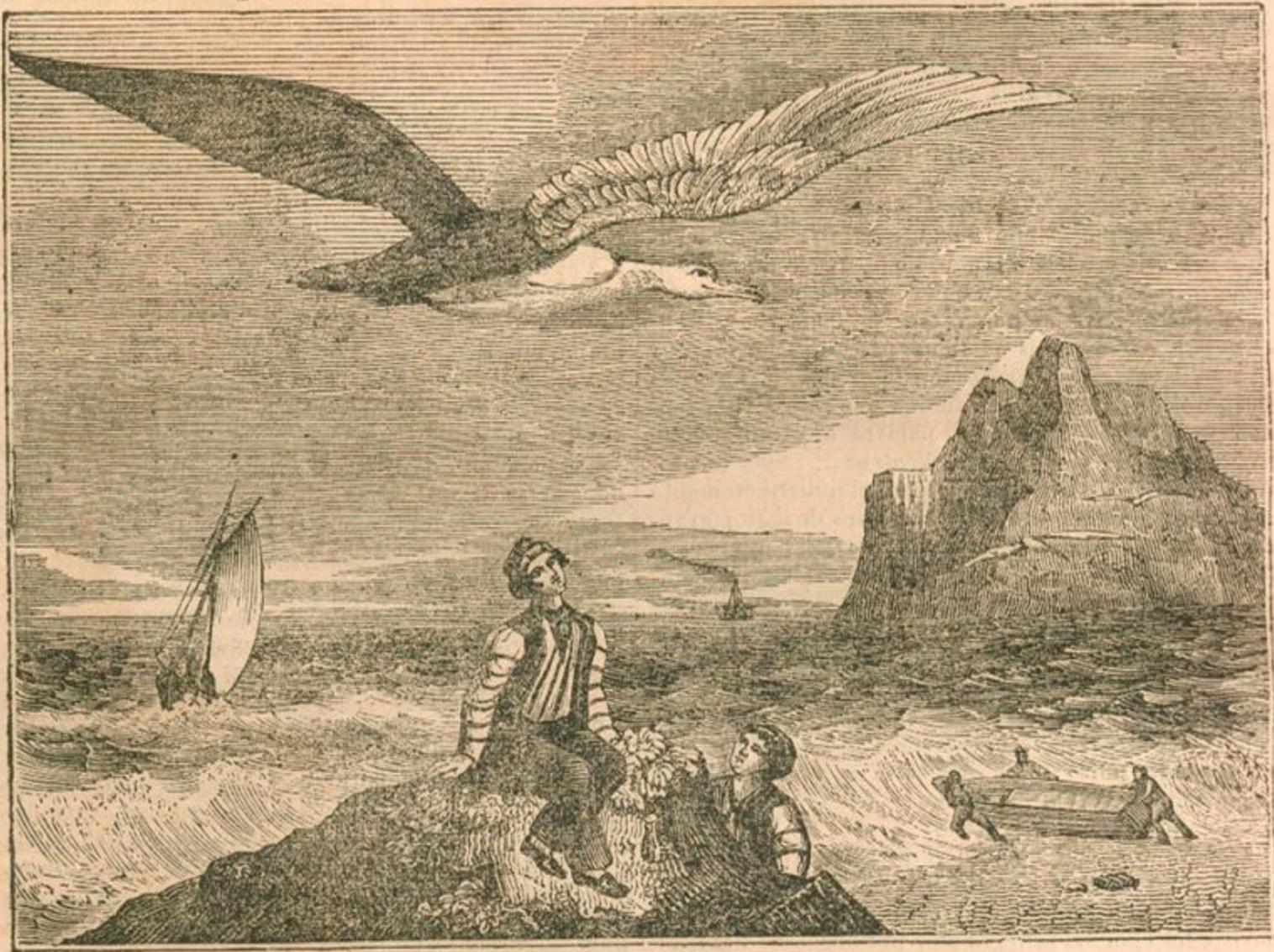
stitue quasi sempre com vantagem as evacuações sanguineas.”

As discussões entre os partidarios de Hahnemann e os seus adversarios, ha muito tempo concentradas na Alemanha, já principiam a propagar-se na França. As traducções francezas das obras escriptas sobre a homœopathia pelo seu fundador, lhe teem dado discipulos zelosos, e alguns medicos de Genebra lhe hão consagrado uma publicação periodica. Em Paris acaba de apparecer um jornal homœopathico; em muitas cidades das provincias de França já se tem introduzido

o novo modo de curar. Em Bordeaux é seguido por um dos mais famosos medicos; e conta tambem partidarios na Russia, na Austria, e em Napoles.

Esperâmos que estas tentativas langarão ao menos alguma luz sobre uma das mais importantes questões que está intimamente ligada com a ventura do genero-humano.

Pelo que nos toca, o nosso unico intento é habilitar os nossos leitores para seguirem com conhecimento de causa as controversias mais ou menos graves, que possam ter logar a este respeito.



ALBATROZ.

O ALBATROZ.

(Diomedea. LIN.)

ESTA ave de todas as aquaticas é a mais macissa, sem exceptuar o cisne; tem de comprimento obra de quatro palmos e meio; e dez, ou mais de envergamento [1]. O albatroz commum (*diomedea exulans*) pela extrema corpulencia é denominado por muitos navegantes *carneiro do Cabo*; e com effeito faz quasi o volume de um carneiro; e acha-se em grande copia nas visinhanças do Cabo de Boa-Esperança, e por todos os mares austraes. Tem grande e redonda a cabeça, armada com um bico tambem grande, forte, e cortante, com suturas bem assignaladas, e um gancho na ponta, que parece articulado; e as ventas em fórma de pequenos cilindros situadas em cada lado do bico em um entalho, ou vinco, que o sulca em todo o comprimento. Parece que com arma tão poderosa, e força corporal, devia ser uma ave bellicosa; mas pelo contrario é cobarde de seu natural; nem ataca as aves que com elle cruzam aquelles vastissimos mares. Limita-se á defensiva, como se vê na segunda viagem de Cook. — “Muitas gaivotas [diz elle] par-

das, e de casta grande, dando caça a um albatroz branco, nos deram um espectáculo divertido; sempre lhe chegaram apesar do comprimento das azas delle, e trabalhavam pelo atacar por baixo da barriga, por ser esta parte talvez indefeza: o albatroz, nesta occasião, não teve outro meio de se livrar dellas senão deixando-se cair de xofre, e mergulhando o corpo n'agua; então deram mostras de terem algum respeito ao formidavel bico.”

Em razão de seu peso, experimentam os albatrozes muita difficuldade em levantar o vôo; e teem um celebre modo de voar: não se percebe o bater das azas senão quando tomam o vôo, e quasi sempre empregam ao mesmo tempo os pés, que sendo espalmados lhe servem para baterem na agua, o que os ajuda a levantarem-se. Uma vez dado o impulso não precisam mais de bater as azas, e as mantem muito estendidas, equilibrando-se para procurar presa alternativamente da direita para a esquerda, e seguindo seu rapido vôo rente da superficie do mar. Este balanço serve para accelerar o vôo, mas não era bastante para os sustentar nos ares: talvez que um tremor imperceptivel das pennas seja a principal causa de seu vôo extraordinario, Se tal é devem ter musculos particu-

(1) Comprimento das azas estendidas de ponta a ponta.

lares e adequados. Nunca sobem o voo a mais altura senão por occasião de temporal; e de necessidade hão de pousar n'agua achando-se a largas distancias da terra; e com effeito não só pousam, mas até dormem ao de cima d'agua.

O sustento principal destas aves são pequenos animaes marinhos, zoophytos, e ovas de peixe, que as correntes carregam, e que ás vezes trazem aos montes: mas tambem devoram sofregamente peixes de todas as fórmas, quando os podem haver; e são tão vorazes que os marujos do capitão Cook, e outros, os apanharam com linha, e anzol meramente iscado com um pedaço de pellêgo d'ovelha. Esta presa era para aquelles homens muito agradável, apesar da carne ser dura, e de sabor e cheiro de maresia, porque se lhes apresentava no mar alio, quando havia muitos tempos estavam infinitamente arredados das terras. O intrepido navegante diz em sua primeira viagem: — “Esfolámos e estripámos estes passaros; e tendo-os de molho em agua salgada até o outro dia, os cozemos depois, e se lhe fez um molho picante; todos acharam boa esta iguaria assim preparada, e comia-se com appetite mesmo havendo á mesa carne de porco fresca.”

Desta ave ha cinco ou seis especies: uns são esbranquiçados, outros mais ou menos pardos. Tem voz mui desagradavel, semelhante ao zurrar dos burros. Diz um escriptor inglez que o nome que geralmente lhes dão = *albatross* = é uma palavra apparentemente corrompida do portuguez = *alcatraz* =, que os nossos primeiros navegantes applicaram indistinctamente aos corvos marinhos, e ás demais aves de maior grandeza, que encontraram nos mares em suas descobertas.

Julgou-se por muito tempo que andavam tão sómente pelos mares austraes, mas depois das observações de Steller é constante que pelos fins de Junho chegam aos milheiros ás costas do Kamtschatka [1], onde os tem por percursos dos cardumes de peixes; e retiram-se nos fins de Julho até meiado d'Agosto. Estas cohortes d'albatrozes nunca sóbem até a costa oriental daquelle paiz, onde apenas se encontram alguns desgarrados; porém ha immensos no golpho interior, e no archipelago das Kuriles.

Como são extremamente vorazes ajunctam-se á foz dos rios espreitando os salmões: engolem alguns inteiros, ás vezes de quatro arrateis de peso; e querem devora-los com tal sofreguidão, que acontece ficar-lhe meio peixe fóra do bico, até que a porção que tragram dissolvida pela digestão dê vasão á outra pela dilatada goéla. Ás vezes se atulham por tal fórma que nem voar podem, nem fugir aos barcos que os procuram. Os habitantes daquelle península se aproveitam desta circumstancia para os matar, até ás pauladas: mas o mais geral é apanharem estes golotões com o anzol, como fizeram os marinheiros de Cook. Porém os povos do Kamtschatka não os caçam, ou para melhor dizer, não os pescam, para os comer, porque só em casos de fome usam de tal carne: diligenciam apanha-los porque fazem dos ossos das azas cachimbos, e outros utensilios.

Pelo meiado de Setembro as femeas fazem seus ninhos n'arêa, de quatro palmos, e mais, em redondo, e poem consideravel numero d'ovos, maiores que os de ganso, esbranquiçados, e salpicados na extremidade mais grossa. As aves de rapina, e os reptis lhes destroem grande quantidade. Os moradores da cidade do Cabo os procuram para alimento, porque nada participam do sabor da carne das aves. É cousa singular que as claras destes ovos não endurecem quando se cozem.

(1) Extensa península do nordeste da Asia, entre o golpho do mesmo nome, e o mar do Japão, na extremidade sueste da Russia. Os russos a descobriram pelos fins do 17.º seculo.

DA GYMNASTICA.

É a gymnastica a arte de exercitar o corpo para lhe augmentar a robustez e a agilidade. Por vezes temos visto, no meio de nós, estrangeiros, que vem com a habilidade, que pelo uso desta arte adquiriram, ostentar forças e destreza prodigiosas [1].

Começou a gymnastica em Spárta e passou dahi para Athenas. Chegaram semelhantes exercicios a ser tão honrados na Grecia, que presidia a elles um magistrado, a que pozeram nome o gymnasiarcha, o qual tinha seus officiaes encarregados de instruir a mocidade nos preceitos da arte.

Tambem os romanos não desprezaram esta parte da educação. O campo de Marte e a praça publica eram os logares em que nos primeiros tempos se exercitava a mocidade nos jogos gymnasticos; porém nos ultimos tempos da republica, reservaram naquelles vastos e soberbos edificios, chamados *thermas*, uns espaços como *pateos*, aonde os mancebos iam lutar, saltar, atirar ao dardo, e jogar armas.

Passando aos tempos da cavallaria, ou da idade media, alguns rasgos da gymnastica se encontram na historia das nações da Europa, nas justas e torneios mui usados então, nomeadamente nas festas cortezaãs.

Para estas os moços cavalleiros eram obrigados a adestrar-se nos varios exercicios que ali se costumavam, e que muitas vezes eram de grande perigo, por ser a principal destreza de que careciam, a de bem menear as armas. Veio por fim a acabar até o costume dos torneios, e passados alguns seculos, nos institutos de educação da mocidade, nem sequer apparecia já uma palavra ácerca da arte gymnastica.

Porém em 1819 — Mr. Amoros, persuadido da utilidade destes exercicios, fundou em París um estabelecimento, destinado a desinvolver as forças physicas e a agilidade dos mancebos que se quizessem dedicar a esta arte, do qual já tem saído muitos discipulos habéis. Uma egual escola estabelecida no nosso paiz seria como um modelo para se irem successivamente creando estabelecimentos da mesma especie, com que só se póde completar uma boa educação physica popular. Sabemos, com algum fundamento, que se procura fundar em Lisboa um gymnasio normal, civil e militar, para cuja direcção foi chamado um habil discipulo do coronel Amoros. Esperámos ver realisada esta empreza, que tem por alvo crear professores desta arte, por onde será facil vulgarisa-la dentro em pouco tempo.

A gymnastica hoje não é exactamente o mesmo que era entre os gregos. Os rapazes andavam nús nos gymnasios de Spárta [o nome gymnasio vem da palavra *gymna* que significa *nú*], e os exercicios que faziam eram, em parte, differentes dos que actualmentemente se ensinam. Entretanto os que ha não são menos uteis á saude e robustez, avigorando e tornando agil o corpo por mil modos: taes são a lucta, a carreira, o jogo da bola e da barra, e outros, que sendo regulados com prudencia e sem excesso, concorrem para esse fim. O medico Tissot deu á luz em 1780 uma obra com o titulo de *Gymnastica Medica*, na qual assentou as regras e modo que se deve ter nos jogos e mais exercicios corporaes, que ainda hoje se usam, e de que se póde tirar proveito, como o jogo do bilhar, da pélla e do volante, o caçar, o nadar, o jogar a espada, o dançar, e tudo o mais que promove a agilidade, e vigora as forças do corpo.

Estes exercicios são principalmente uteis á gente das cidades: porque á do campo sobram trabalhos que a endureçam, e que a tornem rija e a habituem ás faltas de commodos, e até ás asperezas. A gymnastica

(1) Veja-se o N.º antecedente.

porém nas cidades é absolutamente precisa, não para formar arlequins, como o povo cuida, mas para educar homens vigorosos. Os mimos e branduras com que as pessoas mais ricas e poderosas costumam crear os filhos, os fazem communmente afeminados e de debil compleição: é esta mal dirigida educação physica da primeira infancia, que a arte gymnastica depois corrige com o exercicio acertado e regular.

EFFECTOS DO TERREMOTO DA CALABRIA EM 1785.

A CALABRIA e as terras circumvisinhas são muito sujeitas a amiudados terremotos por causa do muito que ficam proximas á grande região volcanica do Mediterraneo. Os funestos abalos allí soffridos no fim do seculo passado deixaram memorias, que, se estimulam a curiosidade, tambem provocam as lagrimas.

Aos 3 de Fevereiro de 1783 começou a tremer a terra com desigual violencia, e desde então succederam-se os tremores com variados intervallos por espaço de quatro annos. O primeiro abalo lançou por terra muitas casas em todas as cidades e aldéas da Calabria ulterior, e até em Messina. Foi sentido e tremor no norte pelos habitantes de Napoles, e em grande parte da Sicilia; porém a maior força do terremoto carregou principalmente sobre um espaço de perto de 45 leguas quadradas de terreno, deixando inteiramente revolvida a sua superficie, e abertos por todo elle innumeraveis boqueirões, e fendas profundas. Desabando muitas collinas entulharam os valles; rios houve que expulsos de seus leitos se encontraram e reuniram; e no meio de estradas brotaram repentinamente fontes, ao passo que outras desapareceram. Perto de Laureano aconteceu serem arrebatados dois campos inteiros com as suas oliveiras do meio d'um chão plano, e transportados obra de mais de um quarto de legua, e no lugar que dantes occupavam descobriram-se correntes de agua quente, e repuxos de arêa. Em Scincara foi do mesmo modo precipitado um olival n'um valle, desde a altura de 300 palmos, o que não privou seus donos de colherem uma abundante novidade de azeitonas, alguns mezes depois. Parte do terreno onde a cidade de Polistena estava assentada foi arrebatado com as casas, e veio a parar á beira d'um algar pouco distante. Os mais dos boqueirões que ficaram abertos depois da catastrophe tinham 25.250 pés de profundidade, e alguns em Placiano e Fossolano eram de mais de um quarto de legua de comprimento.

Nos arrabaldes de Oppido sorveu a terra quatro herdades, e varios armazens de azeite, e casas de campo, com os seus habitadores, e animaes, e um bando de homens que andavam viajando; e unindo-se logo, nunca mais se viu nada do que a voragem engulira. Em alguns sitios onde se haviam feito excavações com a esperanza de tornar algumas victimas á vida, não se encontraram senão moles confusas, compostas de carne, pedras, ferros, e madeiros amassados. Enormes rochedos desapegados da penedia arrasaram muitas quintas situadas ao pé d'uma praia, que corre do lado de Messina, pouco distante do rochedo de Scylla. O principe de Scylla, homem avançado em annos, se refugiou em bateis com muitos dos seus subditos, para escapar ao terremoto, e pela meia noite aportaram ao cume d'uma montanha, que poucos minutos depois se aluiu. Os escarcéus que rebentavam á roda dos bateis esmagavam muitos delles de encontro aos rochedos, e de resto os devoraram todos. As mil e quatrocentas pessoas que haviam acompanhado o principe pereceram com elle.

Os camponeses mais felizes testemunhas do desastre contavam que as arvores a tal ponto vergavam, que

com as suas ramas varriam a terra, que os animaes soltando vozes lugubres e lamentosas agouravam a chegada de cada abalo, e que os bois e cavallos se deitavam por terra para não ser derribados.

N'um convento de 30 freiras escapou só uma de 80 annos d'idade, e em Terra-Nuova de 1600 pessoas pereceram 1200.

Notou-se em geral, quando se deu sepultura aos mortos, que os homens tinham luctado com o perigo até exhalarem o ultimo suspiro, e que as mulheres haviam succumbido mais resignadas: as mães conservavam os filhinhos estreitamente apertados ao peito. Foram desentulhadas das ruinas d'Oppido duas meninas vivas que haviam estado sepultadas uma por espaço de 11, outra de 6 dias; a primeira, de 16 annos de idade, trazia ao collo quando começou o terremoto uma creança de seis mezes, que só veio a morrer ao cabo do quarto dia, e como estivesse todo aquelle tempo sem comer cousa alguma, quando a restituiram á luz caía em deliquios a cada minuto, e largo espaço se conservou sem poder tomar alimentos. A outra menina de 11 annos d'idade tinha sido entaipada em tal posição, que como tivesse uma das mãos encostada ao rosto n'elle lhe ficou profundamente estampada. Sobreviveram tambem certos animaes, como mulas, cães, porcos, e gallinhas, que tinham estado sotterrados mais de tres semanas, sem comerem cousa alguma.

AMOUÇOS.

Tão celebres são nas nossas historias da India aquelles a quem se dava este nome, que julgámos ser curioso o saber o mais notavel que a este respeito referem os viajantes e historiadores portuguezes. São os amouços, segundo Diogo de Couto, homens da classe dos nobres ou naires (1), que em certos casos se ajuramentam para morrerem, com total ruina dos seus inimigos. Além de outros, ha tres casos em que elles fazem esse juramento. É o primeiro, quando lhes matam o rei a quem servem: isto obriga os que andam em guerras a precatarem-se de atirar para onde está um sombreiro alevantado, que é a insignia da tenda ou posto do rei. O segundo caso é quando matam algum panical,—São os panicaes os mestres de esgrima na India: a estes, refere Barros, teem elles em lugar de paes, sendo-lhes entregues de idade de sete annos em que logo começam de aprender a jogar as armas e toda a casta de ligeirezas, em que são destrissimos. Tal é a veneração que os discipulos ficam tendo por estes seus mestres, que, diz Damião de Goes, onde quer que os encontram se lançam de burços, e os adoram como deuses: quando, pois, um dos taes é morto violentamente, todos os discipulos se ajuramentam para morrerem na demanda de vingal-o. O terceiro caso em que os naires se fazem amouços é quando dão seguro a alguém de o defenderem, se a pessoa assim assegurada recebeu a morte, ou até alguma affronta. A este seguro, se chamava, no tempo dos portuguezes, jangada. «Tendo um forasteiro [diz Couto] necessidade de um destes naires para passar de uma parte para a outra, por segurar sua pessoa dos ladrões e salteadores, chega-se a um naire, e lhe pede seja sua jangada, e lhe dá por isso algum dinheiro, valia de meio cruzado. Este naire, tanto que lhe toma o seu dinheiro, lhe dá a mão em signal que o toma em sua guarda, e assim o leva consigo, até onde o outro lhe releva, muito seguro e sem receber affronta de pessoa alguma. E se acaso este forasteiro fór avexado ou affrontado de alguma pessoa, fica esta injuria tanto á conta deste naire, e de toda a sua geração, que

(1) A'cerca dos naires veja-se o N.º 2 do Panorama.

logo se ajunctam todos, e se offerecem a morrer até satisfazerem aquella affronta, usando certas ceremonias, como homens que se despedem da vida, rapando as barbas de uma ilhargá, que é o signal de homens determinados a morrer . . . e junctos todos dão naquelle logar, onde lhe fizeram a affronta, e o destroem e abrazam. Pelo que é isto tão arreçado em todo o Malavar, que se um portuguez [que é a mais odiosa nação de todas com os mouros] quizer passar de Cananor para Cochim, por todo aquelle Malavar, posto que esteja de guerra, e por meio dos mouros que lhe beberão o sangue, tomando sua jangada, vae com ella tão seguro como por Alemtéjo, sem lhe ninguém perguntar donde vem, nem para onde vae. E se este naire que se fizer jangada fôr menino, ainda esse é muito mais seguro; porque a affronta que se faz a um destes a satisfaz em mais que a que se faz a um homem grande, porque dizem que quanto menos força este tem para se defender, tanto é mór a obrigação dos parentes em acodirem pela affronta que se lhe fizer.»

Este costume dos amoucos tornou, em varias batalhas, mui duvidosa a victoria aos portuguezes; porque eram obrigados a combater com homens desesperados, tendo de os acabar até o ultimo. Destas peijas foi a tomada da ilha de Beth, a oito leguas de Diu, no tempo do governador Nuno da Cunha. Ia este n'uma grossa armada com o intento de conquistar aquella celebre praça: mas antes de lá chegar surgiu em Beth, onde estava um capitão d'elrei de Cambaia, com dois mil homens de guerra; o qual não cedendo á intimação de se render, e sendo vigorosamente accommettido, por se não poder defender mais tempo se resolveu a acabar com todos os seus. Para isto correram os soldados a casa, e mettendo primeiro á espada mulheres, creanças e velhos, trouxeram á praça todos os moveis e riquezas que tinham, e, fazendo uma grande fogueira, abrasaram tudo. Depois deste sanguinoso e medonho feito, raparam as cabeças, e juraram morrerem em vingança daquelles innocentes, que elles proprios assassinaram. Na manha seguinte abalroaram os portuguezes os muros, e entraram na fortaleza; mas com grande perda, não ficando vivo um unico dos defensores. Conta-se, que então succedêra um caso espantoso: e foi que remettendo um soldado nosso a um daquelles amoucos, elle lhe apresentou o ventre para que o portuguez o atravessasse, o que de feito aconteceu; porém o amouco se foi enterrando pela lança adiante até chegar ao contrario. a quem deu uma cutilada tal, que ambos caíram mortos ao mesmo tempo.

Caso ainda mais notavel refere o P. Fernando Guerreiro na Relação annual das Missões. Matou um indio christão a um panical, que fôra mestre do rei de Angamalé. Ajuramentaram-se muitos naires para vinga-lo; mas, sendo Angamalé reino pouco poderoso, e temendo-se do rei de Cochim e dos portuguezes, não sabiam como haviam de cumprir seu juramento, que era acabarem com todos os christãos. Começaram, com tudo, a queimar varias povoações onde estes habitavam; mas vindo alguns soldados portuguezes de Cranganor para defender as residencias dos missionarios, e obstar a estas devastações, viram-se os amoucos impossibilitados de levarem a cabo seus intentos. Entretanto era necessario que alguns dos amoucos morressem sobre isto, por não quebrarem suas barbaras usanças: tomaram por tanto a seguinte resolução. Mandaram recado aos portuguezes que apontassem o quando, e aonde haviam de vir, para que, sem elles fazerem damno, os matassem, por que assim, nem quebravam com Cochim, nem deixavam de guardar seu juramento. E um dia, para isso apazado, vieram, com effeito, e che-

gando já perto dos que com as espingardas á cara os estavam esperando, viraram-se para os que os acompanhavam, e, com lastima de quem os via, disseram que pelo arroz que comeram vinham morrer, alludindo ao soldo, que o panical lhes dava: logo os mogos dos portuguezes dispararam nelles as espingardas, e em pouco tempo estava consumado este sacrificio horrivel.

Creação dos sirgos.—Os bichos de seda creados em sitios pouco adequados e ás vezes até improprios para semelhante fim, estão sujeitos a tão enorme mortandade no tempo da terceira ou quarta muda, que não são raros os exemplos de se perderem metade, infeccionados pelos vapores evoldidos das muitas folhas putridas que lhes servem de cama.

Os chloruretos de soda e de cal teem a propriedade extremamente notavel de decompôr todas as materias putrefactas, em que entra o gaz hydrogeneo, sem produzirem emanações nocivas á saude; e por tanto facil é de prever o partido que se póde tirar do uso de taes preparações desinfectantes, e quão deploraveis perdas ellas poderão evitar.

O unico meio até agora empregado para curar os sirgos consistia em queimar vinagre; precaução quasi sempre inutil, porque o unico effeito do vinagre é o substituir ao mau cheiro outro mais saudavel, mas não destruir aquelle; quando por meio do perservativo que inculcamos se colhem os mais felizes resultados.

Disponham-se na casa em que estiverem os bichos de seda vasos mais largos do que fundos, em que se fará uma mistura d'agua e de chlorureto, na proporção d'um quartilho de chlorureto para cada seis quartilhos d'agua. É necessario que os vasos sejam em grande numero e proporcionados aos dos bichos. Á medida que se effectuar a decomposição das folhas da amoreira os vapores putridos que exhalam serão absorvidos pelo chlore que entra na composição do chlorureto. Esta precaução tão simples como pouco dispendiosa, pois que com uma garrafa de chlorureto de cal em pó podem fazer-se pelo menos dez garrafas do liquido, impedirá a mortandade dos bichos, citada como uma das causas do elevado preço das sedas; tornará mais raras aquellas excessivas perdas, e mais abundantes os productos, e tenderá portanto a diminuir o oneroso tributo que por estas e outras causas pagamos aos estrangeiros. Este meio foi posto em practica nas vizinhanças de Marselha, e produziu optimo resultado.

Receita para tirar o ranço á manteiga.—Bata-se a manteiga em sufficiente quantidade d'agua, contendo doze a quinze gotas de chlorureto de cal por cada arratel de manteiga; depois de bem batida a mistura, póde deixar-se em repouso por uma ou duas horas para então ser novamente batida em agua commum.

Nenhum perigo haverá no augmento da dose do chlorureto, que mal nenhum póde fazer á saude; mas a experiencia tem mostrado serem sufficientes as quantidades acima prescriptas.

A mais rançosa manteiga recobra mediante esta manipulação todas as boas qualidades que podia ter quando fresca.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo
N.º 39 = D.